

APRESENTAÇÃO

Poéticas e Políticas da Repetição

A história da poesia é uma história da repetição. Abundam os exemplos que assim o sugerem. Lembre-se o ritmo repetitivo do bardo da tribo ancestral (ou alguma poesia indígena, mesmo hoje) com o seu poder encantatório e xamânico. Considere-se, séculos depois, o paralelismo do verso medieval assente na repetição simétrica de palavras, estruturas rítmico-métricas e conteúdos semânticos (ex. *Leixa-prem*). Mais próximos do momento presente, pense-se, ainda, na exploração radical da repetição na poesia experimental através da reiteração de um mesmo verso, palavra ou letra para compor um poema. Em suma, podemos afirmar que a repetição esteve sempre presente nas práticas dos poetas por via de estratégias expressivas a nível fonético, estrutural, retórico e lexical. Nesse sentido, a repetição atravessa todo e qualquer texto. Ao atravessar os textos, atravessa o tempo e reformula os espaços. Com isto, a história repete-se sem se repetir.

Este número da *eLyra* procura analisar o uso da repetição na poesia contemporânea, sublinhando, de igual forma, as implicações culturais, sociais e políticas desses mesmos gestos de repetição. Assim, a discussão compreende não apenas a ligação da repetição a noções como a de cópia, reprodução e recursividade, mas reflete também sobre os desafios conceptuais que emergem da relação entre repetição, variação e diferença.

Neste sentido, os artigos incluídos neste número contribuem para aprofundar a reflexão sobre os modos, procedimentos e materiais que a poesia contemporânea tem encontrado para repetir e variar. Aqui, a questão da contemporaneidade liga-se, de forma evidente, a práticas e momentos precedentes ao estabelecer linhas de continuidade e ruptura – ou seja, de repetição e variação. É justamente neste quadro conceptual amplo que se movem, desde logo, os dois primeiros artigos do número.

Diego Giménez propõe ler a leitura – passe a redundância – nos processos de escrita – passe a contradição – de Fernando Pessoa, Jorge Luis Borges e Enrique Vila-Matas. Recorrendo, para o efeito, às noções de intertextualidade e, sobretudo, de plagiotropia, Giménez revela o modo como a repetição de textos anteriores é sempre uma prática de variação que nos conduz a novos textos. Assim acontece também na literatura eletrónica, como Giménez aponta ao comentar obras de Rui Torres precisamente na ligação entre os períodos moderno e contemporâneo.

Por sua vez, no seu artigo, Barrett Watten parte do mito da não existência da repetição em Gertrude Stein para reequacionar não só essa máxima da autora repetida pela crítica até se tornar mito, mas também a reverberação, por vezes em sentido literal, da repetição de elementos linguísticos, sonoros e sensoriais em obras da poesia Language de Ron Silliman, Leslie Scalapino e Marjorie Welish. A partir desta reflexão, Watten procede, no final do seu contributo, a uma aproximação destas formas literárias à música de dança eletrónica, em particular às produções techno de Ellen Allien.

É também sob o signo do musical e do sonoro ou, mais concretamente, do oral/aural que Marc Matter desenvolve o seu artigo. Nele, o investigador e artista apresenta a sua própria composição texto-som *Could Change*, situando teoricamente a sua prática repetitiva no campo da música experimental e da poesia sonora e explorando, ainda, as potencialidades do *loop* entre a reprodução do igual e a produção do diferente.

Para analisar aquilo que o igual tem em comum com o diferente e ilustrar como na obra de Carlos de Oliveira a repetição serve de elemento de ligação entre identidade e diferimento, Bruna Carolina Carvalho convoca no seu artigo um número bastante significativo de obras do escritor, aí incluindo alguns documentos do seu espólio literário. É, no entanto, em três obras éditas de Oliveira que a autora encontra uma repetição de “formas novas” que ainda assim são “idênticas”: são elas o texto “O iceberg”, de *O Aprendiz de Feiticeiro*; o romance *Pequenos Burgueses* e o poema “Líquenes”, do livro *Micropaisagem*.

De igual modo dedicando o seu artigo a uma autora em particular, o contributo de Inês Cardoso em torno da obra de Salette Tavares volta-se, porém, para os “diálogos criativos” que aquela poeta estabeleceu com uma rede afetiva que incluiu os seus filhos e amigos da família. Na sua reflexão, Cardoso olha para a troca de objetos e afetos através de uma perspetiva que propõe interpretar estes diálogos sob o prisma da dádiva, da reciprocidade e também da dimensão política que, como defende, está implicada nestes gestos uma e outra vez repetidos.

A repetição enquanto fenómeno transmedial encontra-se igualmente presente nas discussões. Filipe Senos Ferreira analisa pinturas e sobretudo poemas de Cruzeiro Seixas na relação com a obra de Fernando Pessoa. O seu intuito, como justifica, é revelar a existência de uma transmedialidade repetitiva entre aquelas poéticas e modos de fazer. Por seu turno, Roberta Santos Miranda e Marlúcia Mendes da Rocha centram a sua análise nas materialidades transmediais do videopoema *O menino e o rio*, realizado por Márcio de Camillo a partir de Manoel de Barros. Trata-se, uma vez mais, nestes dois casos, de olhar para a repetição de textos, ideias ou motivos precedentes como formas de gerar novas variações.

Num quadro relativamente semelhante, Emanuel J. Santos traça a genética repetitiva de três trabalhos de escrita experimental de Diogo Marques para mostrar como em “Poema Quarentena” é possível detetar, extrapolando para as demais obras, aquilo que denomina de “angústia da repetição”. Também Paulo Alberto da Silva Sales

nos fala da repetição como reescrita e da reescrita como angústia, embora as obras e as angústias sejam aqui de tipos muito diferentes. No seu artigo, Sales analisa várias obras audiovisuais e textuais de Patrícia Lino sob o filtro da apropriação e pós-produção de modo a mostrar como estas contribuem para realizar um crítica das operações sociais do discurso colonialista, discurso esse que é, assim, reprogramado por aquelas obras.

Por fim, é justamente de programas, de operações e da necessidade de posturas críticas diante dos meios cibertextuais que trata o artigo que encerra o dossier temático. Num périplo por obras variadas no que diz respeito às suas proveniências e medialidades, Diogo Marques e Philipp Teuchmann propõem uma crítica operativa do inoperacional com base num marco teórico que assenta nas noções de repetição e instrução enquanto demonstração da recursividade cibertextual. Na sua proposta, os autores partem da escrita constrangida do grupo OuLiPo para o questionamento da operacionalização computacional da escrita em obras de Rui Torres, Joana Moll, Eugenio Tisselli e Joana Chicau, tendo em vista o que os autores do artigo apelidam de ciberliteracia.

Este número da revista *eLyra* encerra com um conjunto de resenhas críticas a livros recentes. Os temas das publicações recenseadas, muito diversificadas em todos os aspetos, vão da escrita prisional (Mafalda Pereira recenseia Michelle Kelly e Claire Westall) à arte da performance (Lúcia Evangelista comenta Pedro Eiras) e à zoopoética (Ana Carolina Meireles lê Maria Esther Maciel), passando pela literatura feminista de Ana Plácido (Maria Luísa Taborda Santiago interpela Fabio Mario da Silva), a ficção viajante de Antonio Tabucchi (Greta Usai recenseia Anna Dolfi) e poesia portuguesa contemporânea sob a lente da intermedialidade (António Pedro Marques lê Joana Matos Frias).

Para concluir esta breve apresentação, gostaria de aproveitar a oportunidade para agradecer a Rosa Maria Martelo, diretora da revista *eLyra*, o acolhimento e incentivo que deu desde o início à realização deste número. Deixo também expresso o meu profundo agradecimento aos avaliadores e avaliadoras pelo tempo, dedicação e conhecimento que colocaram ao dispor do processo de revisão dos artigos propostos para publicação. Uma palavra especial de agradecimento, ainda, aos autores e autoras que participam neste número com contributos de grande interesse e que, por isso, fazem com que aqui se ofereçam perspectivas renovadas para pensar as poéticas e políticas da repetição. No fim, estou seguro de que este número da *eLyra* oferece um marco analítico, metodológico e epistemológico que nos permite repensar com nova vitalidade o que normalmente entendemos por repetição na poesia, na linguagem, nos seus meios e materiais, nas suas relações sociais e na sua política.

Bruno Ministro